

Reflexão sobre a proposta de revisão curricular do Ensino Secundário

Ana Margarida Saraiva

Este artigo surge como resposta ao desafio colocado para dar uma opinião, do ponto de vista da psicologia vocacional, e também da prática de aconselhamento vocacional acerca da já polémica proposta de revisão curricular do ensino secundário. Espero estar à altura desse desafio...

Partindo da leitura do artigo do professor Eduardo Veloso, gostava que ficasse claro que o nosso papel em termos de orientação não é o de convencer ninguém, mas o de reflectir em conjunto com o aluno e encarregado de educação sobre as diferentes alternativas, cabendo a decisão final ao aluno!

Como critério base de encaminhamento de um aluno para um curso de carácter geral ou tecnológico, está sobretudo a sua **MATURIDADE VOCACIONAL**, se os seus projectos estão ou não definidos e se essa definição assenta num conhecimento adequado das oportunidades escolares e profissionais e das suas próprias características (em termos de aptidões, interesses e valores). Formalmente, os cursos tecnológicos tornaram-se uma opção aliciante para muitos alunos, pois conciliavam uma formação mais instrumental/técnica e uma melhor preparação no acesso ao mundo do trabalho (com a realização de estágio no final do 12º ano), com a possibilidade de acesso ao ensino superior em igualdade de circunstâncias com os colegas dos cursos gerais. Na prática e comparativamente aos antigos cursos técnico-profissionais, os cursos tecnológicos revelaram-se demasiado generalistas e poucas escolas concorriam ao Prodep para a realização de estágios (em contraste com os apoios dados a alunos e professores nos cursos técnico-profissionais). Assim, as propostas apresentadas para os novos cursos tecnológicos, no sentido da redução

da carga horária, dum maior especialização dos cursos e da possibilidade de, quer na formação científico-tecnológica quer no projecto tecnológico, se desenvolverem experiências em contexto de trabalho, poderão corrigir estes aspectos negativos. No entanto, a distinção introduzida em termos de acesso ao ensino superior, traduzida na existência de níveis diferentes em disciplinas como a Matemática, a Física-Química e a Geometria Descritiva, transmite a mensagem, que ao longo destes anos se tentou alterar, de que os cursos tecnológicos se destinam apenas aos alunos com maior insucesso escolar (e em geral provenientes de meios sociais mais desfavorecidos). Apoiei muitos bons alunos na sua opção por um curso tecnológico! Porque não manter a possibilidade de escolha entre, por exemplo, a Matemática A ou B desde o 10º ano? (tal como existia no curso tecnológico de Administração em que o aluno podia optar pelos Métodos Quantitativos ou pela Matemática). Não pondo, contudo, de parte a possibilidade de, no tal 13º ano, o aluno poder rectificar o seu percurso (conheci vários alunos que tendo optado por M.Q. no 10º ano, decidiram preparar-se para fazer o exame de Matemática).

Quanto aos cursos gerais, não entendo a especialização excessiva das propostas apresentadas. Penso mesmo que representam um retrocesso: é o próprio documento que refere a "aquisição dum bagagem de vida" necessária à integração dos jovens num mundo complexo, em acelerada evolução, caracterizado pela mobilidade (...). Não tem sentido exigir a jovens de 14/15 anos, uma definição tão precoce do seu projecto vocacional. A vantagem dos cursos gerais era permitir aos alunos amadurecerem as suas opções ao longo do ensino secundário. Quantos alunos optaram

pelo agrupamento 1 sem saberem se queriam ir para Engenharia ou para cursos na área das Ciências Naturais ou da Saúde?; ou optaram pelo agrupamento 4 sem se definirem ainda entre Ciências Sociais e Humanas e Línguas e Literaturas? Quantos alunos e encarregados de educação arriscarão um projecto na área das Artes do Espectáculo? Nesta lógica, a proposta do professor Eduardo Veloso dum curso único/tronco comum a todos os alunos é bastante pertinente. No entanto, não avançando para uma proposta tão radical, considero que seria de manter, nos cursos gerais, os 4 agrupamentos actualmente existentes, com as alterações sugeridas em termos de redução da carga horária e a introdução da área de projecto.

Ficam ainda algumas sugestões: incluir a disciplina de História como opção de oferta nacional; considerar a hipótese de distinguir entre uma Matemática A e uma Matemática B no curso geral do agrupamento 1, a pensar naqueles alunos com projectos na área do Desporto e da Saúde. Finalmente, é de estranhar o facto de não terem sido apresentados cursos tecnológicos na área da Saúde, da Produção Animal e também do Desporto — não existe no nosso país necessidade de técnicos intermédios nestas áreas!...

Bibliografia:

- Proposta de revisão curricular — Ensino Secundário — Dep. do Ensino Secundário
Veloso, Eduardo. (1999). Revolução no secundário? Esta não, obrigado!. *Educação e Matemática*, nº56 (pp.9-10). APM
Entrevista com Domingos Fernandes. (1999). As próximas mudanças no Ensino Secundário. *Educação e Matemática*, nº 55 (pp.53-57). APM

Ana Margarida Saraiva
Serviço Psicologia Orientação,
Escola Sec. Fernando Lopes Graça